

ente

Oriente

Ocidente

Ori

# BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Edison Bisso Cruxen<sup>1</sup>  
Universidade de Coimbra

**Arqueologia Medieval no Médio Oriente:  
O Estudo das Estruturas do Castelo Cruzado  
de Arsur (Séculos XII e XIII).**

**Introdução:**

O presente artigo surgiu da participação do autor em três missões (1998,1999 e 2000) no sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf, em Israel, como integrante da equipe de pesquisa do Projecto Apollonia (UFRGS<sup>2</sup>, USP<sup>3</sup>, PUCRS<sup>4</sup> e TAU<sup>5</sup>). No primeiro ano, em 1998, com as prospecções do terreno na área F<sup>6</sup> do sítio, foram encontradas as estruturas, quase que totalmente enterradas, do Castelo de Arsur. As escavações realizadas sob a coordenação do Prof. Dr. Israel Roll, da Tel Aviv University, durante os anos seguintes, 1999 (APXIII99b<sup>7</sup> \* \* \*) e 2000 (APXIV2000) desvelaram grande parte da fortaleza. Os três anos de investigação em Israel, junto a Tel Aviv University, deram origem a minha dissertação de mestrado intitulada “*Arquitectura Militar Medieval na Palestina e o Estudo de Caso do Castelo de Arsur, Sec. XII e XIII*”, concluída e defendida em 2001, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Brasil.

O sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf (actualmente Parque Nacional, aberto a visitação do público) está localizado em um penhasco de kurkar<sup>^</sup> na costa do Mar Mediterrâneo, no Noroeste da cidade moderna

Doutorando do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, orientado pela Prof.<sup>11</sup>. Dra. Helena Catarino (Faculdade de Letras /Instituto de Arqueologia/ U.C). Bolseiro da Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT).

<sup>9</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Brasil

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo / Brasil

<sup>4</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Brasil

<sup>^</sup> Tel Aviv University / Israel

<sup>6</sup> Ver plano geral do sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf, anexo no final do artigo.

<sup>7</sup> AP: Apollonia / XIII: décima terceira missão arqueológica / 99: ano da missão/ b: segunda missão do ano.

<sup>o</sup> Areia da praia petrificada, uma rocha arenítica, típica da costa de Israel. Porosa, mas resistente.

de Herzliya, em Israel. O sítio está a uma distância de 17 km ao Norte de Joppa e 34 km a Sul de Cesarea, situado no centro da Planície Costeira de Sharon, a uma distância de cerca de 10 km, da foz do rio (Nahal) Yarkon a Sul e da foz do rio (Nahal) Poleg a Norte. Na parte Oeste do sítio, o solo alcança uma altitude de 35 metros acima do nível do mar, caindo gradualmente em direcção a Este, até cerca de 20 metros acima do nível do mar.

Apollonia-Arsuf foi "redescoberta" na metade do século XIX, e a primeira descrição detalhada de seus remanescentes foi fornecida pelo estudioso francês Victor Guérin (1875, 375-382). Guérin visitou o sítio em 1854 e novamente em 1863, e descreveu os remanescentes que observou acima do solo: "uma grossa muralha, flanqueada por torres (na realidade, contrafortes da muralha) protegida por um fosso de 14 passos de extensão; presumiu quatro portões da cidade, dos quais ele viu apenas dois (apenas um portão foi descoberto); uma fortaleza, cercada por um extenso fosso e protegida por dois muros, um portão fortificado, uma rampa que levava da cidade ao castelo e uma escadaria que levava do castelo ao porto, que ele denominou "porto militar". O estudioso francês incluiu também, dois molhes e um quebra-mar. Guérin viu elementos arquitectónicos que com o tempo desapareceram, por causas naturais e devido à pilhagem de pedras de construção, que eram enviadas para Joppa.

520

Este sítio arqueológico é possuidor principalmente de remanescentes dos períodos de ocupação romana, bizantina, muçulmana inicial e franco-cruzada e vem sendo sistematicamente escavado desde o início da década de 80 pela equipe do Prof. Dr. Israel Roll, do departamento de Antiguidade Clássica, da Tel Aviv University. Dentre suas estruturas do período cruzado destaca-se em importância o Castelo de Arsuf, construído em 1241, pela família dos barões francos Ibelinos.

A fortificação marítima de Arsuf, pertence a uma fase em que os assentamentos francos na Palestina, em meados do século XIII, ficaram limitados quase que exclusivamente às planícies do litoral. Uma fase de plena expansão muçulmana, liderada pelo sultão mameluco Baybars, tornando-se fundamental proteger o território costeiro, por onde os cruzados podiam manter contacto com o Ocidente. As fortificações erigidas no litoral da "Terra Santa" pelos francos, podem ser consideradas como a quarta e última fase de construção de castelos cristãos na Palestina<sup>9</sup>, entre

<sup>9</sup> **Estilos arquitectónicos anteriormente empregados na Palestina: Torre Fortificada (Keep) - início do século XII, durante a fase de invasão da Palestina pelos francos; Castelo Concêntrico (Castrum) - segunda metade do século XII, durante a fase de estabilização do**

o período de 1250 à 1291. A cidade e o Castelo de Arsur foram atacados, sitiados, conquistados e arrasados pelos mamelucos em 1265, não voltando a ser ocupados, permanecendo abandonados por decreto do sultão.

Para concluir esta introdução sobre o sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf, cabe ressaltar algumas informações sobre seu nome. Pode causar alguma confusão o facto de o castelo ter o nome de Arsur e o sítio de Arsuf. Isto explica-se porque os francos que construíram o castelo durante o século XIII, trocaram a sonoridade do nome muçulmano Arsuf para Arsur, sendo esta a grafia encontrada nos documentos da época. Segundo Israel Roll (1999, 15), o primeiro nome conhecido da cidade deve ter sido fenício, Arshof/Reshef, nome da divindade da luz e do fogo. Este nome manteve-se até a região ser alcançada pela expansão helenística, momento em que seu nome passou a ser Apollonia, em homenagem ao deus Apoio. Ocorre aqui uma sobreposição das características das divindades, Apoio também sendo o deus da luz e do fogo, “tomou o lugar” de Arshof/Reshef. Com a chegada dos romanos na região, o nome Apollonia mantém-se, sendo substituído somente com a ocupação bizantina, passando a chamar-se Souzusa (“A Abençoada”). Com a invasão muçulmana a sonoridade do nome fenício é retomada, passando a chamar-se Arsuf/Arshuf. Com as invasões francas durante as Cruzadas, a sonoridade e grafia do nome é alterada para Arsur. Antes do castelo ser identificado e estudado, áreas da cidade muçulmana do século VIII foram escavadas e investigadas, assim como a área de ocupação romana do século I, formando-se desde a década de 70 o nome composto pelas duas principais fases de investigação Apollonia-Arsuf, o que predomina até os dias de hoje. Para tanto quando nos referimos a fortificação cruzada utilizamos Arsur, quando nos referimos ao sítio arqueológico utilizamos Arsuf.

521

## 1. A cidade de Arsur nas Cruzadas:

Após os cruzados fracassarem ao tentar dominar a grande cidade portuária de Ascalon em 1099 devido à falta de apoio naval, fizeram um cerco à pequena, mas bem protegida cidade de Arsuf, este sítio também fracassou. A Arsuf muçulmana caiu dois anos depois, em Abril de 1101, após o término da primeira cruzada. Nesta mesma época uma frota genovesa alcançou a costa da Terra Santa e Balduíno I, rei de Jeru-

**poder franco; e Castelo de Escarpa (Spur) - que se firma em definitivo no século XIII, durante a fase de enfraquecimento e recuo dos francos no oriente.**

salém, concluiu um acordo com seus comandantes. Um exército atacou a cidade por terra, enquanto a frota genovesa isolava a cidade por mar, impedindo qualquer tipo de ajuda provinda do Egípto. Até este momento o Mediterrâneo permanecera sob o domínio da frota egípcia, que enviava reforços para os sitiados resistirem ao isolamento<sup>10</sup>. A cidade foi tomada e a população muçulmana pôde abandoná-la em segurança. Arsuf foi repovoada pelos cruzados, com um número bem menor de habitantes (Benvenisti, 1970, 76).

A cidade cruzada passou a chamar-se Arsuf<sup>11</sup> e tornou-se uma possessão da coroa de Jerusalém, estabelecendo mais uma ligação entre os cruzados e a Europa por via marítima. O rei Balduíno designou um terço da cidade para os genoveses. Arsuf passou a servir como ponto de reorganização e fortalecimento dos exércitos cruzados, procurando manter o controlo da planície de Sharon, junto com outras fortalezas da região<sup>12</sup>.

Arsuf tornou-se a sede de um senhorio feudal que se estendia sobre a Planície de Sharon do Sul, entre os rios Nahal Yarkon e o Nahal Poleg, ocupando a área entre a costa mediterrânea e o sopé das montanhas da Samaria. O primeiro senhor conhecido deste senhorio foi *Johannes de Arsuf*; seu nome está presente em um documento oficial de 1163, como uma testemunha de um documento legal. Este *Johannes de Arsuf*, também conhecido como *Dominus Johannes de Azoto*, parece ter herdado o senhorio de seu pai, cujo nome e data de governo não são conhecidos (Roll & Ayalon, 1993,73).

Durante o senhorio de *Johannes de Arsuf* o Reino Cruzado passou por transtornos, culminando em Julho de 1187 com a esmagadora vitória dos muçulmanos na batalha de Hattin, onde grande parte do exército cruzado foi destruído. As possessões cruzadas começaram a cair uma após a outra novamente sob domínio islâmico, inclusive Arsuf, que voltou a ser povoada por uma população islâmica<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Para o sítio cruzado de Arsuf, veja: Benvenisti (1970) 130-135; Roll (1996) 600-606; Pringle (1997) 20-21; Kennedy (1994) 102, 110, 113-114.

<sup>11</sup> “The crusaders altered the name slightly to give it a French sound - Arsuf” (Benvenisti, 1970) 130.

<sup>12</sup> Para o período inicial de ocupação franca em Arsuf e sua importância como meio de ligação com o Ocidente, veja: Runciman, II (1954) 78-79; Prager, I (1975) 268-269; Roll & Tal (1999) 13.

<sup>13</sup> Roll & Tal (1999) 14. Sobre a batalha de Hattin, cf. Maalouf (1988) 177-181; Rousset (1980) 149; Oldenbourg (1968) 463; Grousset (1965) 52-53; e Runciman (1993) 348.

Em 07 de Setembro de 1191, os cruzados, liderados pelo rei Ricardo Coração de Leão, conseguem uma grande vitória sobre as forças de Saladino na batalha de Arsur, após a qual a cidade é reconquistada pelos cristãos<sup>14</sup>. Depois do tratado de paz entre cristãos e muçulmanos em Setembro de 1192 d.C., a cidade e o senhorio de Arsur retornaram formalmente aos cruzados e ao seu dono legal, o senhor de Arsur (Roll, 1993,71).

Em 1207, o senhorio passou às mãos de Johannes de Ibelin, que, devido à sua importância como *constable* do Reino de Jerusalém, sempre assumiu os mais proeminentes papéis entre os cruzados; desta maneira, Arsur ficou sob o domínio dos Ibelinos, uma das mais poderosas famílias da aristocracia cruzada. O senhor de Arsur tinha o direito a *court et coins et justise*, isto é, aos três principais órgãos do poder feudal: uma corte superior para os feudais e seus vassalos; um selo senhorial para sancionar documentos legais; e uma corte de justiça para os súbditos (Praver 1980, 154-155; Edbury, 1997,116; Roll & Tal, 1999,14).

Johannes de Ibelin morreu em 1236, e seu filho Johannes II de Ibelin assumiu como senhor de Arsur, usualmente referido nos documentos legais da época como *Johan d'Ybelin, dominus de Arsur e sire d'Arsur* ou *seignor d'Arsur*. Durante seu período de domínio em Arsur, assumiu os cargos de *constable* (chefe) e *bailli* (oficial) do Reino de Jerusalém. Sob seu domínio foi construído o castelo de Arsur, em 1241, localizado à beira do mar, sobre uma colina. Johannes II de Ibelin morreu em 1258 e o seu senhorio foi passado ao seu filho Balian de Ibelin; este o dominou de 1258 a 1261, quando foi arrendada aos Hospitalários (Edbury, 1997, 63-64; Roll & Tal, 1999, 15).

Um selo de Balian de Ibelin, encontrado nas escavações na cidade de Arsuf, apresenta de um lado a iconografia do castelo de Arsur (mostrando a torre de menagem (ou *donjon*) central, torres, muralhas e portão), com uma inscrição: *Ce est le chastiau d(Arsur)*; do outro lado do selo está um cavaleiro cruzado, totalmente armado, brandindo sua espada e uma inscrição designando "*Ba(lian) d'Ybel(in) s(eigneur) d'Ars(ur) co(n)establ(e) dou reaueme d(e) l(e)r(usa)l(e)m*" (Roll, 1996, 602). Estas duas iconografias são as representações mais claras do domínio do território e do poder e força dos senhores feudais, o castelo e o cavaleiro armado<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Roll (1993) 71; Michaud, III, Livro VII (1956). Para referências completas sobre a batalha de Arsur, veja: Oman (1969) 309-319; Runciman (1958) 54; Roll & Tal (1999) 14; Grousset (1965) 55.

<sup>15</sup> Veja o desenho dos selos dos Ibelinos, em anexo no final do artigo.

Os mamelucos<sup>16</sup>, senhores do Egipto, expulsaram em 1250 os mongóis da Síria e tornaram-se extremamente poderosos. No século XIII, percebe-se uma inversão das características que prevaleceram anteriormente. No início do século XII, época da conquista franca, havia anarquia e divisão muçulmana e uma forte monarquia militar franca. No século XIII a divisão e desordem cabe aos francos, que disputavam reduzidos territórios entre si, enquanto há uma fortíssima monarquia e união militar entre Egipto e Síria sob poder dos mamelucos (Runciman, 1993, II, 326; Grousset, 1965, 63-65; Rousset, 1980, 220-224). Valendo-se deste poderio, o sultão mameluco Baybars leva a cabo uma campanha de libertação de território entre 1260 e 1277, atacando principalmente o litoral, para cortar o contacto dos francos com o Ocidente. Com o crescente perigo da expansão mameluca, em 1261 o castelo e a cidade de Arsur foram arrendadas aos Hospitalários, por Balian d'Ibelim (Ramos, 1995, 179).

Os sultões mamelucos, durante o século XIII, não promoveram apenas uma campanha de libertação do território palestino ocupado pelos cruzados. A pretensão, quanto às fortificações e cidades cristãs, não era de uma conquista propriamente dita, mas sim de uma acção destrutiva e devastadora, não permitindo a permanência ou reconstrução de posições dos francos (Maalouf, 1988, 239-240). Esta era uma forma de reaver definitivamente o controlo de territórios perdidos, exterminando o inimigo ou impossibilitando-o de assumir uma atitude defensiva, colocando por terra todas as fortificações

Antes de assumir a atitude de ataque e expulsão, o sultão Baybars já havia tomado posse do território costeiro da Palestina. Neste, continuaram existindo muitas cidades cristãs, domadas directamente, através da determinação de leis. Na segunda metade do século XIII os francos encontravam-se totalmente sob controlo muçulmano, as possessões francas no Oriente não representavam mais do que focos de cidades costeiras cercadas pelo império mameluco. A rede de fortalezas dos cristãos foi totalmente desmantelada, a expulsão completa ocorreu em 1291, com a queda de Acre.

Após a morte de Baybars em 1277, o novo sultão mameluco Qalaun manteve os acordos de paz e tréguas que seu antecessor havia feito com os francos. Além das determinações de ser proibido aumentar

<sup>16</sup> Esse termo significa escravo. No Egipto, em meados do século XIII, passou a descrever mercenários de origem turca, reunidos pelo sultão do Egipto para resistir a cruzada de São Luís. Essa classe de escravos guerreiros cresceu de poder a tal ponto que estabeleceram sua própria dinastia no Egipto, derrotaram os mongóis e tomaram o poder na Síria, unindo sob um mesmo líder as duas áreas que faziam fronteira ao reino cruzado.

ou melhorar qualquer tipo de fortificação nas cidades cristãs, Qalaun redigiu um tratado definindo as condições de permanência dos francos nas terras costeiras da Palestina, onde os cristãos deviam renunciar, por ocasião de invasão, a prestar auxílio aos inimigos do Islã<sup>17</sup>.

Os Hospitalários, em 1263, iniciaram um alargamento da muralha da parte Este da cidade de Arsur e um aumento nas fortificações, incluindo um fosso amuralhado. O sultão Baybars, encarou o alargamento da muralha e as novas obras como uma quebra do acordo de paz, onde constava que as cidades ocupadas pelos francos não poderiam melhorar suas defesas, facilitando assim o controle da região (Roll, 1999, 16; Benvenisti, 1970, 132; Marshall, 1992, 249).

Conforme Roll & Tal (1999, 16), o segmento Norte da muralha Este da cidade em Apollonia-Arsuf mostra uma direcção Norte-Sul recta, enquanto seu segmento Sul (incluindo o portão da cidade) faz uma curva aguda em direcção a Este, englobando mais terra na cidade. Este alargamento a Este pode ter sido a obra dos Hospitalários que foi considerada inaceitável por Baybars.

Em meados de Março de 1265, o exército muçulmano estabeleceu cerco em Arsur, sob o comando pessoal de Baybars. A cidade era poderosamente fortificada, com 270 irmãos da Ordem dos Hospital, que habitavam o castelo, mais sargentos e voluntários, ao todo aproximadamente 2000 homens (Benvenisti, 1970, 132; Marshall, 1992, 217; Roll & Tal, 1999, 16). Em 26 de Abril de 1265, depois de quarenta dias de sítio, foi direccionado um poderoso ataque à cidade, os muçulmanos conseguiram dominar partes das fortificações do castelo, decretando o controle sobre a cidade. Os Hospitalários, refugiados na torre de menagem, renderam-se, sob condição de serem poupados e saírem livres da cidade. Este pedido foi consentido, mas logo que os resistentes deixaram as fortificações, foram transformados em escravos (Roll, 1999, 17; Benvenisti, 1970, 133).

Os prisioneiros foram forçados a participar da destruição do castelo e demais fortificações, até o ponto de Arsur estar arrasada. Para impossibilitar a chegada de reforços que poderiam habitar as ruínas, o sultão ordenou a destruição completa do porto e dos quebra-mares. Isto fez com que o efeito natural das ondas continuassem a destruição do castelo. A cidade nunca mais voltou a ser habitada. As terras capturadas do senhorio de Arsur foram divididas entre os emires que participaram dos

<sup>17</sup> Veja definições deste tratado entre cristãos e muçulmanos em Maalouf (1998) 234.

combates (Roll, 1994, 103). O escritor muçulmano Abu al-Fida escreveu em 1321 d.C, definindo:

“Arsur, na Palestina, foi uma populosa cidade e tinha um castelo. Estava na costa do Mar Grego, a 12 milhas de Ar-Ramlah (Ramla), 6 milhas de Yafa (Jafa) e 18 milhas de Kaisariyyah (Caesarea). Tinha um mercado e era protegida por uma muralha; mas actualmente a cidade está em ruínas e inabitada” (Le Strange apud Roll, 1999, 17).

Dentro do processo das Cruzadas, a cidade de Arsur representa um instrumento da colonização franca na “Terra Santa”, servindo como local de assentamento para os primeiros invasores ocidentais (1101), base para guarnições francas<sup>18</sup>, porto comercial entre as cidades do Levante e naturalmente, estando na costa da Palestina, como meio de comunicação com a Europa. Nos últimos tempos da permanência cruzada no Levante, Arsur também serviu como importante fortificação para Protecção das populações francas em fuga da expansão muçulmana do século XIII, serviu como um dos últimos redutos de resistência cristã e tentativa de manutenção do território franco no oriente (Roll & Tal, 1999, 13).

526

## 2 As Intervenções Arqueológicas no Sítio de Apollonia-Arsuf:

A primeira escavação em grande escala em Apollonia-Arsuf foi executada em 1977 (“a primeira temporada”), em três áreas (A, B e C<sup>19</sup>) localizadas no meio da cidade medieval amuralhada. Esta foi uma escavação de salvamento, dirigida por E. Ayalon, em nome do Israel Department of Antiquities e do Institute of Archaeology e do Department of Classics da Tel Aviv University. A atividade arqueológica mais intensa, que durou por quase oito meses, foi centrada na Área B, a maior das três, localizada em frente ao portão da cidade. Estruturas relacionadas foram encontradas em ambos os lados de uma estreita rua, orientada Norte-Sul, possivelmente, o complexo inteiro servia como uma rua de mercado e as estruturas de ambos os lados da rua eram utilizadas como lojas<sup>20</sup>. Dos dez estratos identificados na área, dois pertenciam ao Período Bizantino (séculos VI e início do VII d.C.), enquanto os outros oito cobriam a

<sup>18</sup> Tropas cruzadas se reuniram, organizaram e partiram de Arsur para tomarem Jaffa, no início do século XII.

<sup>19</sup> Veja plano geral do sítio de Apollonia-Arsuf, anexo no final do artigo.

<sup>20</sup> Veja reconstituição gráfica do mercado árabe de Arsur e planta baixa das estruturas.

duração de todo o Período Islâmico Inicial (metade do século VII até o século XI d.C.).

Em 1977, uma retro escavadeira evidenciou, a Norte do sítio (áreas a, b e c), um segmento do fosso e muralha da cidade medieval. Este fosso e muralha foram considerados como parte de um plano geral de construção urbana executado pelo califa omíada Abd el-Malik (685-705 d.C.). Quando as escavações alcançaram o final da muralha da cidade, foi descoberto, assim como nas áreas h e e, que a muralha foi construída em cima de um acumulo de dunas de areia. Este fenómeno se repete em alguns dos muros na rua do mercado, área B. Aqui pode estar a evidência de um método de alicerçamento de muros que foi amplamente utilizado na Arsuf do Período Islâmico Inicial. Esse método parece ter tido o duplo propósito de atenuar e absorver choques de terramotos e também permitir uma drenagem eficiente da água da chuva, dessa forma preservando melhor os muros.

Em 1981, uma escavação de salvamento foi executada em uma sala abobadada, que servia de pavimento inferior a torre de menagem octogonal do castelo cruzado (Área F). A escavação alcançou a profundidade de quase 7 m. Este facto indicou que muitos dos componentes inferiores da fortaleza ainda estavam preservados sob os sedimentos.

Em 1982, o status das escavações em Apollonia-Arsuf mudou. Desse ponto em diante, tornou-se uma actividade académica, sob direcção do Prof. Dr. Israel Roll, em nome do Institute of Archaeology da Tel Aviv University. Também tornou-se um sítio-escola para estudantes de arqueologia clássica do Department of Classics (TAU). O prof. Roll passou a escolher as áreas de escavação em Apollonia-Arsuf. Até então, o trabalho havia se realizado a Norte (Áreas A, B, C) e na Área F, no centro este da cidade amuralhada (Áreas B, C e D), e no Sul (Área E). Para obter uma visão arqueológica completa de todos os quatro pontos cardeais no sítio, era necessária uma escavação à Oeste. Assim, nas escavações de 1982-1984 (quarta, quinta e sexta temporadas), uma nova área foi aberta, junto ao lado interno da muralha Oeste da cidade (Área H). Durante as temporadas de 1982 e 1983, uma escavação-teste foi realizada em uma sala, com final em formato côncavo, identificada na parte este do castelo cruzado (Área F). Escavações posteriores (1998b) mostraram que a sala poderia ser a capela do castelo.

Sob a base do castelo cruzado, dois túneis cortados no penhasco de calcário foram descobertos. Um túnel, conhecido desde a década de 70, inicia sob a ala Norte, com dois ramos convergentes. Após a junção, o túnel continua para o Oeste por cerca de 45 metros até sua

527

saída, que está localizada logo acima do porto. Parece que os cruzados construíram este túnel por duas razões possíveis: como um canal para se livrar de detritos produzidos pelo castelo; ou como um modo de fuga para o porto, em caso de derrota iminente. O outro túnel foi descoberto por acaso em Fevereiro de 1988, quando uma tempestade de Inverno provocou o colapso do preenchimento de sua entrada, que estava localizada dentro do fosso, no canto Sudoeste da muralha externa do castelo. O túnel tem nichos para lamparinas cortados nas paredes laterais e se estende em direcção a nordeste por cerca de 90 metros, terminando profundamente abaixo do castelo, em uma "sala" cortada na rocha, com uma parede feita de pedras unidas por argamassa. Este túnel parece ser uma mina (uma sapagem), cavada pelos atacantes durante o cerco final em 1265 d.C, enquanto a parede de pedras parece ser obra dos defensores cruzados como uma contra-medida (Roll & Tal, 1999, 43).

Nas temporadas de 1990 à 1993 (sétima, oitava e nona temporadas) evidenciou-se que, no período cruzado, a muralha da cidade foi restaurada. No exterior de sua base um "cinturão inclinado", de argamassa, foi adicionado para melhor proteger a junção entre a muralha e o chão (conhecido como *talud* ou alambor, construção que tem a função de evitar sapagem na base das estruturas). Dentro da muralha da cidade, uma série de novas salas foram construídas contra sua face interna. As salas tinham pavimentos rebocados e entradas bem feitas, que parecem indicar que serviam como moradias. Pilares que apoiavam arcos sugerem a possibilidade de um segundo andar. Posteriormente, um forno, uma superfície de pedras, uma instalação de prensa e mós foram adicionadas, indicando que as salas haviam se tornado unidades de trabalho.

Paralelamente as escavações "em terra" de 1990 à 1993, uma série de prospecções subaquáticas foram conduzidas nos remanescentes marítimos de Apollonia-Arsuf, por E. Grossmann. Seu trabalho foi executado como parte de seu projecto de pesquisa para o título de Ph.D., em nome da Macquarie University de Sydney, Austrália. Uma equipe de inspecção subaquática da Antiquities Authority liderada por E. Galili também fez actividades subaquáticas. Estas prospecções mostram que Apollonia-Arsuf dispunha de duas instalações marítimas. No ancoradouro em frente à cidade medieval, a face Este de um recife de calcário foi cinzelada e conglomerados maciços de grandes blocos de pedras foram colocadas, denotando seu papel como um quebra-mar, melhorado pelo homem. Sua entrada é uma abertura natural no recife de calcário<sup>11</sup>.

**11** Veja o plano geral dos ancoradouros de Apollonia-Arsuf construídos nos recifes, no final deste artigo.

No porto construído junto a base do castelo cruzado, exemplos de argamassa dos molhes foram submetidos a testes químicos. Os testes mostram que, apesar dos molhes em si datarem do Período Cruzado, suas fundações foram feitas muito anteriormente, no Período Bizantino. Esse porto continha molhes que entravam 35 metros no mar e duas torres, que tinham a função de permitir um porto seguro e proteger a base do castelo do efeito das ondas do mar. Sua entrada foi feita pelo homem, cortada no recife. Hoje, ambos estão em sua maior parte com grossas camadas de sedimentos trazidos pelo mar<sup>22</sup>. O quebra-mar do cais do castelo, do qual apenas as trincheiras de fundação cortadas na rocha foram preservadas, contrasta fortemente com o cais em frente à cidade, que está relativamente bem preservado. Pode-se admitir que o cais cruzado foi destruído propositadamente pelos mamelucos, com a intenção de deixar as ondas continuarem o processo de demolição das fundações das estruturas defensivas. Este acto teve consequências devastadoras nos séculos seguintes, toda ala Oeste do castelo está em ruínas, caída na base da colina (Grossmann, 1995, 67-176; 1997, 80).

Na Área J, em 1996 (décima primeira temporada), as escavações revelaram duas fases de construção do portão da cidade, ambas do período Cruzado. Da primeira fase apenas a parte inferior do portão foi preservada, alcançando uma altura de 3,5 metros. Ela inclui duas torres semicircular de formato cónico, estando estre elas um segmento da muralha. Estas estruturas foram construídas em *ashlars* de calcário, unidas por um cimento claro. Elas recobriam um centro feito de pedras não-rebocadas e unidas por concreto. Na frente das torres e portão, um fosso se estendia com 8 m de largura, cercado por um muro de retenção. A abertura do portão era de 4 metros; tudo indica que o fosso era atravessado por uma ponte de madeira. Na segunda fase, um pilar quadrado feito de concreto (cimento, pedras e cal) substituiu a base cónica da torre Norte. Novas torres, semi circulares à Este e retangulares à Oeste, foram construídas acima das anteriores. A passagem do portão foi refeita, em um nível mais alto (05 metros) e um esgoto foi construído abaixo dela, para carregar os dejetos da cidade.

Quanto à localização do portão do período Islâmico Inicial, estava mais a Oeste e no mesmo eixo do portão da cidade cruzada, a equipe da SWP (Survey of Western Palestine), em 1874, documentou em

97 Sobre os testes químicos das amostras de argamassa dos molhes, veja Grossmann (1997) 82-83.

sua planta do sítio uma grande estrutura em forma de “U”<sup>23</sup>, de frente para Este. Apesar de inexistirem remanescentes visíveis, sua localização se enquadra perfeitamente em uma continuação, hipotética, do segmento Norte da muralha Este da cidade. É aceitável, portanto, que esta estrutura servisse como portão da cidade islâmica inicial e que a muralha a que pertencia, estava localizada mais à Oeste. Assim, o complexo escavado na Área J<sup>24</sup> parece evidenciar não apenas a construção de um novo portão da cidade pelos cruzados, mas também um alargamento da cidade amuralhada em direcção a Este.

A décima-segunda temporada de escavações foi executada em 1998 (APXII98a), em duas partes. A primeira parte durou três semanas durante Julho, e foi organizado como uma parceria entre o Institute of Archaeology da Tel Aviv University e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, recebendo apoio total do município de Herzliya. O trabalho foi realizado na Área E, e centrou-se na estrutura do Período Romano e prospecções na área F, no Castelo de Arsuf. A segunda parte durou oito semanas, em Novembro e Dezembro e dedicou-se ao castelo cruzado. Esta segunda parte foi financiada pela Câmara Municipal de Herzliya, para preparar o sítio como um parque arqueológico aberto ao público.

530 Durante a segunda etapa de 1998 (APXIIb98), realizaram-se escavações em grande escala no castelo cruzado (Área F), nas alas Sul e Oeste. Uma grande abertura foi exposta na metade da parede Sul. Essa abertura deu passagem a uma espaçosa área dentro do castelo, que estende-se de Este a Oeste, cercada ao Norte por uma parede e uma coluna pentagonal. Em um estágio posterior da escavação, esta área foi subdividida em duas salas (Este e Oeste), uma escadaria foi descoberta ao Norte, permitindo acesso a um segundo andar. Pensava-se que o portão principal do castelo estivesse localizado cerca de 15m mais para Este, mas a parede Sul continuou sem interrupção em um curso diagonal<sup>25</sup>.

A Oeste, as escavações da torre de menagem mostraram que esta estrutura não era um octógono, como imaginado anteriormente<sup>26</sup>. Na verdade, ele tinha um formato poligonal em direcção à Este e possuía forma rectangular a Oeste. Ao Sul da torre de menagem está uma escada-

<sup>23</sup> Assim referido por Roll & Tal (1999) 45.

<sup>24</sup> Veja-plano geral do sítio de Apollonia-Arsuf, em anexo no final do artigo.

<sup>25</sup> Veja planta baixa do castelo de Arsuf, em anexo no final do artigo.

<sup>26</sup> Veja planta baixa do castelo de Arsuf, em anexo no final do artigo.

ria precedida por um pódio inferior circular, que possivelmente pode ter sido utilizado em ocasiões cerimoniais.

Um grande número de estruturas fragmentadas de mármore foram encontradas no castelo. Elas foram utilizadas pelos cruzados como material de construção. Em sua situação original estes mármore devem ter sido utilizados nas fachadas dos prédios públicos da Apollonia romana e bizantina. A beleza deste trabalho em mármore pode ser vista nos poucos exemplos que estavam intactos, como em dois capitéis. Um deles, de estilo coríntio, encontrado próximo à escadaria Sul, datando da época romana tardia/bizantina, o outro, decorado com uma cruz, achado próximo à escadaria Oeste e data do período bizantino. O mármore, como material extremamente resistente era reutilizado pelos cruzados para dar maior consistência em suas construções. Este é o caso de uma coluna de mármore que se encontra como base da parede da sala Oeste e outras que estão colocadas directamente dentro da estrutura das paredes internas do castelo Arsur. Para fortalecer as muralhas, os francos, assim como os muçulmanos antes deles, reutilizavam as colunas de pedra, que eram colocadas atravessando toda a espessura da muralha, as duas paredes de pedra e o seu preenchimento. As colunas davam coesão as muralhas convertendo as suas três partes em uma massa consolidada, aumentando assim sua resistência aos golpes de aríete, terremotos e impacto de projecteis.

O cimento cruzado ou *mortar* era feito de uma mistura de terra, calcário e areia, misturados com conchas do mar e, algumas vezes, fragmentos de cerâmica. A quantidade de *mortar* era calculada de acordo com a resistência da pedra com que o castelo era construído. Em caso de ser basalto, como em Belvoir, utilizava-se pouco, no caso de ser kurkar, uma rocha menos resistente, como em Arsur, a quantidade aplicada era maior.

As pedras na construção tanto das muralhas como na torre de menagem (ou *donjon*) e demais partes do castelo cruzado eram do tipo *bossed*, pedras quadradas ou rectangulares, bem cortadas e bem assentadas, sem espaço entre elas, unidas por argamassa ou *mortar*. Algumas construções (como o castelo de Belvoir) utilizavam metal para reforçar a união entre as pedras das muralhas e edifícios do castelo. Essa técnica era chamada de arquitectura *rayonnant*, surgida nos mosteiros cistercienses, a partir da década de 1120. O *rayonnant* também era utilizado em revestimentos de ambientes, principalmente de capelas, onde ganchos de ferro mantinham presas placas de mármore (encontrado na capela de Arsur). Nessa técnica, a construção em pedra era presa e unida com ferros em

forma de “U”. Um orifício era feito na pedra, e o “gancho” de metal era fixado com chumbo derretido. A utilização comum do ferro é característica das fortificações cruzadas, em contraste com a fortificação muçulmana do mesmo período (Erlande-Brandenburg 1995, 117; Ben-Dov 1993, 184-186).

A maioria das muralhas dos castelos francos na Palestina, não eram construídas de forma maciça, ou seja, não tinham seus 3 m de espessura feitos apenas com pedras paramentadas e cimentadas. O normal, eram muralhas compostas por duas paredes paralelas, feitas de pedra, com um espaço entre elas. Este espaço era recheado com entulhos, barro compactado, argamassa, cal, cimento, vários outros tipos de pedras não trabalhadas (o chamado calhau ou calça). Todos estes materiais eram compactados dentro das duas paredes, formando uma massa muito difícil de ser atravessada. Outras muralhas tinham pedra *bossed* em seu exterior, com recheio também em pedra (uma muralha maciça), mas as pedras do recheio não eram trabalhadas (tendo vários formatos e tamanhos), nem assentadas com cuidado, sendo simplesmente colocadas junto à argamassa e compactadas. A estrutura do castelo de Arsur apresenta essas duas técnicas construtivas, tendo paredes de *bossed* recheadas com calça, nas estruturas internas, como paredes maciças, recheadas de kurkar mal trabalhado e mal assentado, e uma porção considerável de areia compactada, revestidas por paramento bem cortado, assentado e cimentado, nas estruturas externas (muralhas).

A cortina externa do castelo de Arsur (com 5m de espessura) está composta por cinco grandes torreões semicirculares salientes (o maior deles, a Este, em frente a entrada para o pátio de armas, com 26mX17m de espaço interno; os outros eram menores e apresentam uma média de 18mX5m, de espaço interno), interligados por uma curta extensão de muralha recta (desde 5m, distancia existente entre os dois torreões a Norte, até 15m, distância entre os dois torreões onde está localizada a ponte levadiça); estes torreões permitiam o ataque para os flancos e melhor Protecção das bases da estrutura. Até as primeiras escavações de 1999 (APXII199a), pensava-se que o torreão Oeste fosse menor em sua semicircunferência, terminando em uma parede recta para Este, que conduzia ao interior do castelo. Nas escavações de 1999 e 2000 (APXIII199b e APXIV2000a) as intervenções desvelaram que a entrada do castelo na realidade, se encontrava dentro do torreão Este e entre duas torres rectangulares e semicirculares salientes. A cortina interna continha quatro torres semicirculares salientes. Os invasores que passassem pela primeira linha ficariam encurralados entre as cortinas interna e externa (no pátio externo)

ou lisa). A arquitectura simétrica de Arsur o transforma em um excelente caso de castelo concêntrico.

### 3. Descrição e Interpretação das Estruturas Arquitectónicas do castelo de Arsur:

Os elementos arquitectónicos expostos até a missão arqueológica de 2000 permitem que se estabeleçam algumas hipóteses quanto as estruturas do Castelo de Arsur. As descrições e interpretações que seguem são baseadas nos dados recolhidos em 1999 e 2000 (APXIII e APXIV2000), durante as actividades de campo, em grande parte, com origem nos diários de campo do autor do presente artigo e do coordenador das escavações em Israel (Prof. Israel Roll, TAU).

Como proporções da cidade muralhada de Arsur podemos apresentar, no sentido Este-Oeste, 75m de espaço entre a muralha da cidade e o fosso do castelo, 160m desde a frente do portão da cidade até o outro extremo e uma média de 210m no restante espaço. No sentido Norte-Sul temos 430m. As proporções do castelo de Arsur podem ser assim definidas: 83m no sentido Norte-Sul e 72m no sentido Este-Oeste. Seu tamanho total, incluindo o fosso que o cercava ficava por volta de 127m no sentido Norte-Sul e 92m no sentido Este-Oeste. A largura de seu fosso variava entre os 20, 25 e (na maior parte) 30m. Na parte Norte, a distancia que separa a muralha da cidade do fosso do castelo é de apenas 20m, exactamente por este motivo os mamelucos escolheram este local (próximo a área a) para minar a muralha, abrir uma brecha nas defesas da cidade e rapidamente atacarem o castelo. O tamanho do paramento de kurkar que constituía tanto as muralhas (interna e externa) como as construções do interior do castelo de Arsur, acompanhavam uma média de 35cm de altura, 40cm de largura e 55cm de comprimento. Estes blocos de kurkar eram dispostos nas paredes e cimentados em seu comprimento.

A décima terceira temporada de escavações iniciou-se em Agosto de 1999 (APXIII99) e continuou até o final do ano. Em Setembro, o trabalho foi executado na Área F, dentro das fortificações do castelo e também na área L, no lado externo do canto sudeste da cidade amuralhada. Neste local, um segmento bem preservado da muralha da cidade cruzada e de seu fosso foram descobertos, junto com uma torre quadrada no seu canto sudeste<sup>27</sup>. As escavações arqueológicas realizadas em 1998

<sup>27</sup> Veja plano geral do sítio de Apollonia-Arsuf, em anexo no final do artigo.

e 1999 (APXII98a e APXIII99) desvelaram por completo as seguintes estruturas do castelo: capela, base da torre de menagem (com um espaço interno de 6mX8m; espaço externo de 14mX15m; suas paredes N-S-E, mediam 4m de espessura, enquanto sua parede O, menos de 1m, onde se encontrava uma passagem para as estruturas da ala Oeste, que já não se encontram mais no local de origem, estão ruínas na beira da praia, junto a base da colina), uma escada de acesso ao segundo andar, escada de acesso às estruturas da ala Oeste, uma cisterna (cisterna a), pátio interno, grande parte do fosso que cercava o castelo e partes das muralhas externa e interna.

Com as escavações do primeiro semestre de 2000 (APXIV2000), foram desveladas novas estruturas: um moinho (3,6 m de circunferência), mais duas cisternas (cisterna b: 1,80m de comprimento por 1,20 m de largura e cisterna c: 2 m de comprimento por 1 m de largura), seis fornos, um refeitório (15 m x 05 m), uma possível estrebaria na base da torre de menagem, a entrada principal do castelo (3 m de largura), guarnecida por dois portões (um portão de folha dupla, fechado por uma tranca atravessada na horizontal e uma grade de ferro que subia e descia na vertical, assim definido como “rastrillo” na bibliografia espanhola<sup>28</sup>, nas paredes da entrada do castelo de Arsur é possível ver o sulco em ambos os lados por onde descia a grade, assim como o local de fixação dos gonzos de ferro onde se firmavam as duas folhas do portão, de mesma maneira pode ser observado o orifício quadrado na parede desde onde saía uma trave para trancar o portão), e o piso original da entrada principal do castelo (10 m de comprimento por 4 m de largura), feito com grandes pedras (placas de 30cmX40cm, em média) rectangulares de kurkar. A estrutura da base da torre de menagem foi totalmente evidenciada e grande parte do fosso amuralhado (de 4 m de altura e aproximadamente 30 m de largura), que cerca o castelo, foi escavado por retro escavadeiras. A muralha interna, formada pelas paredes das dependências que cercavam o pátio interno, tinha uma espessura entre 3m e 3,5m.

A prática da utilização de máquinas pesadas (tratores e camiões) é recorrente em escavações de larga escala em Israel. No caso do fosso que cerca a cidade amuralhada de Arsur, a escavadeira se fez necessária tendo em vista que o sítio, estando praticamente dentro da malha urbana, foi utilizado durante décadas pelos habitantes de Herzliya como local de descarte. Durante os primeiros dias de trabalho dois tractores retiraram toneladas de calça e resto de construções contemporâneas,

<sup>28</sup> Conforme Mora-Figueroa (2001) 177.

do fosso. Poderia ser definida como uma perda de tempo designar parte do grupo de arqueólogos ou trabalhadores (em número reduzido) para trabalhar em uma área perceptivelmente perturbada por metros de entulhos contemporâneos. No caso do fosso que cerca o castelo, temos no mínimo quatro metros de profundidade por cerca de trinta de largura, dentro de uma semicircunferência com aproximadamente de 240 m. Para ser escavado manualmente, necessitaria um número muito grande de trabalhadores e um tempo não disponível. Nesse caso o coordenador da escavação deu preferência no uso de escavadeiras para evidenciar a dimensões do fosso e as possíveis estruturas que estariam soterradas nele.

Os moinhos, fornos, cisternas, estrebaria, refeitório, capela, e demais dependências do castelo de Arsúr, levam a pensar em uma tentativa de autonomia, de auto-suficiência em relação à cidade na qual estava inserido. Isto é reforçado pela afirmação de Fedden (1950, pp.18), sobre as fortificações costeiras, que obrigatoriamente deveriam ser independentes das cidades nas quais estavam construídas. As pessoas que habitavam o castelo tinham a capacidade de produzir seus alimentos, utilizando o moinho para triturar grãos, os fornos para cozinhar e assar, assim como também armazenar os grãos em um silo e água em cisternas. Todos estes componentes foram evidenciados na fortificação de Arsúr. A vida religiosa, tão importante para a época medieval, podia ser realizada na capela, sem deixar a Protecção do castelo.

Na ala Este, a longa sala da capela (12m x 05m) foi totalmente escavada, em 1999. A sua disposição segue a orientação da entrada a Oeste, onde se põe o sol, e seu altar a Este, onde nasce o sol. As paredes da capela possivelmente estavam revestidas de mármore, suspenso por pinos de metal; actualmente restam apenas as marcas dos pinos oxidados.

O significado da longitudinalidade da capela refere-se ao caminho da salvação, que o fiel cristão devia percorrer da entrada da igreja (local mundano) até o altar, junto a hóstia (a salvação). Interessa, contudo, reconhecer que a orientação dada ao edifício inspira-se na cruz latina, reservando para o altar, onde se situa “a cabeça do Cristo crucificado”, o Este, lugar da luz e do sol nascente. A Oeste, a entrada e a suposta “imagem dos pés do Cristo crucificado”, por onde o fiel sai do mundo e entra no corpo da igreja (Brandão, 1999, 44).

Dos seis fornos existentes, cinco pertencem ao que foi chamado de cozinha do castelo (quatro com um raio de aproximadamente 30cm e um maior com um raio de 45cm), localizado ao lado do refeitório; o sexto forno, muito maior que os outros (com aproximadamente 1,20m de raio) e ao lado do moinho, encontra-se no pátio interno. Uma possibi-

535

lidade apresentada, para explicar este forno maior, seria de que ele é posterior aos fornos menores existentes na “cozinha”, sendo construído para resolver a necessidade da maior produção de alimentos. Essa explicação é plausível, tendo-se em vista a retomada de território pelos muçulmanos e a fuga da população franca que habitava o interior da Palestina, no século XIII, para cidades costeiras onde os cruzados ainda detinham algum tipo de domínio. Possivelmente a cidade e o castelo de Arsur tenham abrigado, em sua fase final (1265), um número considerável de refugiados, assim como ocorreu na maioria das cidades costeiras. Acre, último reduto de dominação cruzada, em sua tomada pelos muçulmanos, em 1291, contava com uma superpopulação se comparada a original (Michaud, 1956, V, Livro XVIII, 316).

Conforme Boas (1998, 143), no final do século XII, a população franca se “abarrota”, nas últimas cidades do litoral. Essa situação se agravou com a ofensiva mameluca e sua política de “terra arrasada”, na segunda metade do século XIII<sup>29</sup>. Nesse período, as cidades do litoral do Levante franco, passaram a ser ampliadas, com o surgimento de novos subúrbios, criados pelas populações francas em fuga. Este fato é observado em Arsur, que se expandiu a Este, tendo como objectivo abrigar um subúrbio desprotegido, que havia se desenvolvido junto a sua muralha. Com o alargamento da muralha Este, a cidade de Arsur sofreu um aumento de seu tamanho em 250m de comprimento por 50m de largura. Como já foi anteriormente referido, este aumento de espaço é comprovado pela descoberta de um antigo portão da cidade muçulmana, em linha recta cerca de 50m atrás do portão construído pelos francos.

Conforme Benvenisti (1970, 87), após a retomada de Acre, pelos francos em 1191, a cidade tornou-se super populosa, mesmo com a proibição de moradia para muçulmanos e judeus e com a partida dos cruzados para tomarem Jaffa e Ascalon. A pressão demográfica dentro da cidade conduziu à rápida expansão do quarteirão de Montmusard, ao Norte e fora dos muros da cidade, permanecendo sem fortificação até meados do século XIII.

Estas informações podem vir a confirmar a hipótese sobre o forno grande, uma vez que a população que habitava o castelo também pode ter aumentado, com cavaleiros e nobres fugitivos de outras cidades. Conforme Roll & Tal (1999, 16), Benvenisti (1970, 132) e Marshall

<sup>29</sup> **O objectivo principal da política muçulmana, nessa guerra, era destruir o que os cristãos tinham feito, não deixar nas costas da Síria nenhum vestígio do seu poder, nada que para lá pudesse atrair, para o futuro, os príncipes e guerreiros do ocidente...” (Michaud, V, Livro XVIII (1956) 315-316).**

(1992, 217), existiam 270 cavaleiros Hospitalários no castelo e 2000 guerreiros na cidade quando esta foi atacada; uma quantidade de homens muito expressiva, principalmente em uma fase de deficiência de contingentes. Estes números ficam mais claros se compararmos com os efectivos que protegiam Acre, então capital do Reino de Jerusalém, em 1291, quando foi destruída pelos mamelucos: 14 mil soldados de infantaria para proteger a cidade e 800 cavaleiros entre nobres, Templários e Hospitalários.

A assim chamada, até o momento, cozinha do castelo, é composta por cinco fornos com suas aberturas direccionadas a Norte, uma cisterna (cisterna a) e uma área pavimentada (9 m de comprimento e 8 m de largura) por blocos quadrados de kurkar. Todos os fornos foram encontrados com cinza em seu interior e o corredor em sua frente continua uma grossa camada de cinzas, indicando a limpeza regular dos fornos.

No que se refere à defesa da cidade, as escavações de 1999 (APXIII99a) revelaram que Arsur contava com um fosso amuralhado com 3,5 metros de profundidade, 12 metros de largura, com paredes feitas de blocos de pedras de kurkar (fosso do século XIII). Uma muralha de pedra com contrafortes encontrava-se sobre o fosso da cidade, cercanda-a por três lados (N-S-E), com um penhascos ao Oeste. Originária do período inicial islâmico, a muralha foi reformada, reforçada e expandida no período cruzado. Nas escavações de 1999 (APXIII99a), executou-se o recolhimento das pedras que constituíam a muralha da cidade e que se encontravam enterradas no fosso, tendo como objectivo sua reconstituição. Cerca de 30 metros do fosso foram escavados com retro escavadeira, desvelando por completo a base quadrada da torre sudeste da cidade. Também foi evidenciado um reaproveitamento de estruturas: parte da muralha do fosso muçulmano do século VII, com pedras de forma irregular e mal encaixadas, foi emendada com a muralha do fosso cruzado, do século XIII, com pedras bem cortadas, perfeitamente encaixadas (tipo *bossed*) e assentadas com *mortar*.

Parte do pátio externo do castelo foi evidenciada, possibilitando visualizar o contorno dos cinco torreões que fazem parte da sua primeira linha de Protecção, após o fosso. No fosso foram descobertos dois pilares que funcionavam como apoio para a ponte, quando esta era descida, quatro contrafortes que fortaleciam a parede interna do fosso, 60 m da muralha do fosso ao Sul do castelo e 40 m da muralha do fosso ao nordeste do castelo. Devido o tamanho de seu fosso, o castelo de Arsur, tinha parte de sua ponte fixa, construída em pedra sobre dois pilares e

537

parte da ponte em um sistema levadiço em madeira, que descia da ponte fixa e apoiava-se na borda do fosso, mantendo assim a separação física do castelo em relação a cidade. A ponte deveria conter aproximadamente 27m de comprimento, por 4m de largura, seus pilares tinham a dimensão de 3mx4m, e deviam alcançar os 4m de altura.

Conforme análise da estrutura arquitectónica do castelo de Arsur, pode-se apreciar o melhor da arquitectura militar do século XIII, sendo construído de forma concêntrica, com três linhas de defesa (fosso, cortina interna e externa). O seu fosso, além de representar um grande obstáculo físico a ser transposto, devido à sua altura e largura, dificultava em muito o trabalho de sapadores, uma vez que foi construído na rocha de kurkar e depois amuralhado. A parede externa do fosso, assim como as estruturas internas do castelo, tinham uma primeira camada externa de pedras estilo *bossed*, bem talhadas, bem encaixadas e quase todas do mesmo tamanho; e uma segunda camada de pedras grosseiramente trabalhadas e mal encaixadas umas nas outras. As bases das muralhas dos torreões que cercavam o castelo serviam como parede interna do fosso amuralhado. O castelo continha túneis que conduziam tropas do seu interior (pátios interno e externo) até o fosso e ao porto, possibilitando assim tanto sortidas contra os atacantes, como um meio de fuga pelo mar.

538

Suas torres (internas) e torreões (externos) eram semicirculares e salientes, apresentando dessa forma um dos maiores aperfeiçoamentos da arquitectura militar medieval, que possibilitava uma melhor defesa das bases das muralhas, maior resistência contra o impacto da artilharia, tornar menor a distância para o tiro de arco e principalmente encurralar o atacante, por um ataque de flancos. No caso de Arsur as torres internas estão a uma distância média de 20 metros uma das outras, um tiro de arco comum podia alcançar mais de 50 metros. Com isso, os arqueiros posicionados nas torres internas de Arsur podiam atingir os atacantes que estivessem próximos ao fosso, os posicionados nos torreões externos podiam atingir inimigos que estivessem a uma distância de mais de 20 m do fosso<sup>30</sup>.

Até o momento foram descobertas três cisternas (todas com revestimento de reboco), uma na “cozinha”, uma na entrada do “refeitório” e a maior de todas, localizada ao Noroeste do pátio externo. Somente com o fim da escavação do fosso (no oriente médio era corrente escavar uma parte do fosso mais profunda para colectar água da chuva) e do pátio

<sup>30</sup>

A média entre as torres internas e a borda externa no fosso de Arsur esta entre 35 e 40m.

interno será possível averiguar se existem outras. Dez metros a Este da grande cisterna, encontra-se a única passagem entre pátio interno e externo (fora o portão principal) facilitando assim o acesso à água. O fato do maior reservatório de água (até agora encontrado) estar fora do pátio interno, em um castelo de constituição fundamentalmente “militar”, parece pouco lógico. Caso o pátio externo fosse tomado, os defensores teriam que resistir com duas pequenas cisternas.

A única entrada para o interior da fortificação estava entre duas torres salientes que a flanqueavam, permitindo encurralar os pretensos intrusos. A espessura da parede destas torres era de 3m, em paramento de kurkar bem talhado, cimentado e assentado. O acesso ao castelo de Arsur era feito em “cotovelo”, ou seja, a entrada para o pátio externo não estava em linha recta com o portão do castelo. O invasor que entrasse no pátio externo, sairia em frente a um segmento da muralha interna e para qualquer dos lados que escolhesse caminhar estaria flanqueada por torres salientes semicirculares. Para entrar no castelo seria necessário fazer um trajecto de aproximadamente 30m, entre a muralha interna e externa, seguramente sendo atacado pelos dois lados. A entrada da cortina externa estava localizada a Sudeste, enquanto o portão da cortina interna estava a Este<sup>31</sup>.

Seu pequeno pátio interno (27m, no sentido Norte-Sul e entre 15 e 22m, no sentido Este -Oeste) possivelmente demonstre que foi construído para abrigar apenas a guarnição de defesa e os nobres (ou irmãos da Ordem do Hospital), e não um grande número de pessoas sem função militar. Isto se torna mais aceitável se levarmos em consideração que o castelo de Arsur é uma fortificação urbana. Grande parte de seus defensores podiam correr ao castelo somente em caso de combate. Os próprios servos, ajudantes e pessoas encarregadas de manipularem as máquinas de guerra (sempre muito mais numerosos que os cavaleiros, sargentos ou irmãos das ordens militares) poderiam viver na cidade. Outro factor que leva a pensar em um castelo com apenas sua guarnição habitando-o, está no facto da cidade de Arsur também ser fortificada, possibilitando a defesa de seus moradores.

Os cruzados concebiam a “cidade fortificada costeira” como uma entidade dual, formada por uma cidade dentro de suas muralhas defensivas e de um castelo urbano. Evitava-se colocar a fortaleza no centro da cidade, construindo-a em um canto, permitindo acesso directo ao

<sup>31</sup> Veja planta baixa e reconstrução gráfica da entrada do castelo, em anexo no final do artigo.

mar ou campo aberto. Desta maneira o castelo se tornava independente da cidade que defendia, caso esta caísse, ele poderia continuar operando como uma unidade efectiva, comunicando-se e obtendo socorro das áreas adjacentes. A cidade e castelo de Arsur enquadram-se perfeitamente nesta descrição de “fortificação de cidade costeira”, definida por Fedden (1950). O castelo foi construído no canto Noroeste, sobre um promontório (que lhe permitia domínio estratégico), em contacto com o mar, tendo um porto junto a sua base, hipoteticamente a parte mais protegida dentro da cidade. A independência física do castelo em relação a cidade pode ser confirmada pela existência do fosso. O lado Oeste do castelo estava em uma falésia de 30m de altura, a beira-mar, tornando-o mais difícil de ser atacado e mais seguro para uma fuga; logo, a torre de menagem, principal estrutura e habitação dos cavaleiros e barões, também foi construído a Oeste, sobre o porto<sup>32</sup>.

540

Devido ao facto de Arsur ser destruída em combate e suas estruturas praticamente arrasadas em um incendio, ainda não foi possível comprovar se os telhados das torres de Arsur eram feitos de pedra, sustentados por abóbadas, ou se eram de madeira. O que restou para ser estudado deste castelo corresponde ao seu rés de chão. Levando-se em consideração que, na época em que foi construído, meados do século XIII, era o momento de plena utilização das torres redondas com plataformas de tiro nos telhados (as máquinas de guerra e seus projecteis, muito pesados, que eram instalados nos telhados das torres, exigiam abobodas de pedra, para uma maior resistencia) e o facto da torre de menagem desenterrada, ter seu teto em abóboda (ogival) de pedra, pode ser possível que Arsur tivesse telhados abobadados em suas outras dependencias. As torres internas, como as que flanqueiam o portão, com seus dez metros de largura por dezessete metros de comprimento, ofereciam espaço suficiente para instalação máquinas de guerra em seu telhado.

### Conclusão

Arsur foi construído em um período de aperfeiçoamento das máquinas de assédio mamelucas (meados do século XIII), principalmente as de artilharia. Esse fator foi levado em consideração e se expressa na

<sup>32</sup> Veja comparação entre a planta baixa do sítio arqueológico e sua reconstituição gráfica.

arquitetura de formas arredondadas<sup>33</sup>, fosso amuralhado muito largo e duas espessas linhas de paredes, que tiveram papel decisivo em sua “prolongada” resistência. Conforme Kennedy (1994, 133), as seis semanas de resistência de Arsur foram as mesmas de fortalezas maiores, melhor protegidas e mais poderosas em sua arquitetura como Acre (1291), Atlit (1291), Cesaréia (1265), Saphed (1266), Krak des Chevaliers (1271) e Margat (1285), demonstrando que o castelo estava preparado para enfrentar as novas técnicas de assédio muçulmana.

Conforme Roll & Tal (1999, 17), Benvenisti (1970, 133), Kennedy (1994, 113) e Marshall (1992, 234), Arsur resistiu aos ataques da artilharia mameluca e ataques frontais as muralhas, sendo finalmente vencida pelas minas, que os mamelucos também tiveram muita dificuldade de executar<sup>34</sup>; estas provocaram o desmoronamento de parte da muralha externa e a invasão do exército muçulmano ao pátio externo. Prova da grande resistência oferecida pela guarnição e estrutura do castelo de Arsur está na referência que Marshall (1992, 249) faz ao modo que os mamelucos tratavam seus adversários. Quanto maior a resistência oferecida, maior a destruição infringida. Fortalezas e cidades que se entregavam sem luta, ou oferecendo pouca resistência, eram destruídas somente depois de seus habitantes se retirarem sob salvo conduto.

Os pavimentos do castelo de Arsur estavam cobertos com reboco, acima do qual estava uma grossa camada de incêndio (aproximadamente 30cm), coberta por parte das paredes internas que ruíram. Foram encontradas marcas de queima e fractura nas paredes internas do castelo, provocadas pelo efeito do fogo (a rocha de kurkar quando exposta a altas temperaturas estoura, partindo-se em placas) e marcas do impacto das pedras de catapulta na muralha externa. Mais de 600 pedras de catapulta foram encontradas entre as paredes caídas, bem como milhares de pontas de flechas de ferro, muitas destas todavia cravadas nas muralhas e paredes internas. Definiu-se como pedras de catapulta, tendo em vista que todas eram de pequeno porte, com menos de 25kg. Possivelmente, muitas das grandes pedras encontradas enterradas nos

<sup>33</sup> "Both these cases are interesting in that the castles had been built in the twelfth century with square towers but were systematically changed in the rebuilding so that almost all the towers present rounded fronts to the enemy" (Kennedy, 1994, 115).

<sup>34</sup> "At the siege of Arsur, in a somewhat confused account by Baybars biographer, Ibn Abd al-Zahir, it is apparent that the Muslims found it difficult to reach the fosse prior to approaching the walls of the citadel, and the Franks were able to destroy their efforts by fire. The Muslims solved their problems by digging tunnels through which they poured sand to fill the fosse" (Marshall, 1992, 234).

fossos da cidade e do castelo, junto aos pedaços das muralhas, sejam de armas balísticas de maior tamanho e peso, possivelmente arremessadas por *tribuchets* (trabucos) utilizadas para destruir as muralhas externas com seu impacto.

Possivelmente os enormes pedaços das muralhas do castelo que foram derrubados de cima da colina na beira da praia de Herzliya também tenham sido deslocados no processo de destruição do castelo (minas), ou por efeito do mar após a destruição dos molhes (Roll & Tal, 1999, 17). Na metade da muralha Norte da cidade (em frente à Área a), bem como no muro externo do fosso do castelo, um grande intervalo dessas estruturas é visível. Este intervalo pode ser um remanescente da brecha causada pelas máquinas de guerra mamelucas quando forçaram a entrada na cidade. Estes achados fornecem evidências tangíveis da batalha travada no castelo. Devido à grande destruição, tanto da muralha interna como da externa, sobra apenas pouco mais que as bases das estruturas; assim, não temos como saber se Arsur tinha seteiras em câmaras de tiro ou balcões para tiro vertical (matacões). Na base das muralhas não foram encontrados alambres.

Se por um lado a destruição sofrida pelo castelo de Arsur no ataque de 1265, vem a dificultar em grande parte o trabalho dos arqueólogos, devido ao processo intencional de desmantelamento dos componentes arquitectónicos e incêndios provocados pelos atacantes muçulmanos, por outro lado, o facto de não só o castelo, mas também a cidade manterem-se abandonados e praticamente esquecidos até a segunda metade do século XIX, possibilitou que seus remanescentes pós ataque e destruição se mantivessem em perfeito estado de conservação. A costa de Israel é constantemente fustigada com fortes tempestades de vento durante o Inverno, esta acção natural dever ter se encarregado de rapidamente soterrar os vestígios do castelo em ruínas.

A construção do castelo de Arsur está dentro de uma fase de fortificação da costa da Palestina como tentativa de defesa de um território franco cada vez mais ameaçado pela expansão mameluca. O castelo de Arsur é prova material, das últimas tentativas francas de permanência no Levante.

O problema de interpretar e identificar estruturas arquitetônicas em sítios históricos é recorrente, principalmente quando os vestígios encontram-se bastante danificados. Os elementos arquitetônicos ainda visíveis quase sempre acabam dando margem a diferentes interpretações sobre a função do edifício, ou de parte dele. Este é o caso do castelo de Arsur, danificado por ser destruído em combate e, com certeza, saqueado

após a sua destruição. Assim, muitas das definições expostas aqui podem vir a ser modificadas durante escavações futuras.

## Bibliografia:

Ben-Dov, M. Jerusalem, in: Stern, E. (Ed.). *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. v. I-IV (Jerusalem, The Israel Exploration Society & Carta 1993).

Benvenisti, M. *The Crusaders in the Holy Land*. Jerusalem (Jerusalem, Israel Universities Press 1970).

Boas, A. *The Frankish Period: A Unique Medieval Society Emerges*. *Near Eastern Archaeology*, Boston, v. 61, n. 3, September 1998.

Brandão, C. L. *A Formação do Homem Moderno Vista Através da Arquitetura* (Belo Horizonte, Ed. UFMG 1999).

Edbury, P. W. "John of Ibelin and the Kingdom of Jerusalem" (Woodbridge, The Boydell Press 1997).

Idem, *Kingdom of the Crusader. From Jerusalem to Cyprus* (USA, Ed. Ashgate/Variorum 1999).

Ellenblun, R. 'Settlement and Society Formation in Crusaders Palestine', in: Levy, T. E. (Ed.), *The Archaeology of Society in the Holy Land* (London, Leicester Press 1985).

Idem, 'Three Generations of Frankish Castle-Building in the Latin Kingdom of Jerusalem', in Balard, M. (Ed.), *Autour de la première Croisade*. Actes du Colloque de la Society for the Study of the Crusades and the Latin East (Clermont-Ferrand, 22-25 juin 1995) (Paris, Publications de la Sorbonne 1996).

Erlande-Brandenburg, A. *Cathedrals and Castles Building in the Middle Ages* (New York, Ed. Harry N. Abrams 1995).

Fedden, R. *Crusader Castles'. A Brief Study in the Military Architecture of the Crusaders* (London, Ed. Art & Technics 1950).

Galili, E. Atlit, in Stern, E. (Ed.), *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. v. I-IV (Jerusalem, The Israel Exploration Society & Carta 1993).

Guérin, V. *Description géographique, historique et archéologique de la Palestine: Samarte II* (Paris, s/e 1875).

Grossmann, E., 'Apollonia and Tel Mikhal, underwater survey', *Excavations and Surveys in Israel* (Jerusalem, . 9 1991).

Idem, 'Apollonia, underwater survey', *Excavations and Surveys in Israel* (Jerusalem, n. 10 1992).

Idem, 'Tel Arshaf (Apollonia), underwater survey', *Excavations and Surveys in Israel* (Jerusalem, n. 14 1995<sup>a</sup>).

Idem, 'Apollonia, underwater survey', *Excavations and Surveys in Israel* (Jerusalem, n. 16 1997).

Idem, 'Maritime Apollonia (Arsuf) and its harbours', *The Mariner's Mirror* (London, n. 83 1997<sup>a</sup>).

544

Grousset, R. *As Cruzadas* (São Paulo, Difusão Europeia do Livro 1965).

Kennedy, H., *Crusader Castles* (New York, Ed. Cambridge University Press 1994).

Maalouf, A., *As Cruzadas Vistas Pelos Arabes* (São Paulo, Editora Brasiliense 1988).

Marshall, C., *Warfare in the Latin East, 1192-1291* (Cambridge, s/e 1992).

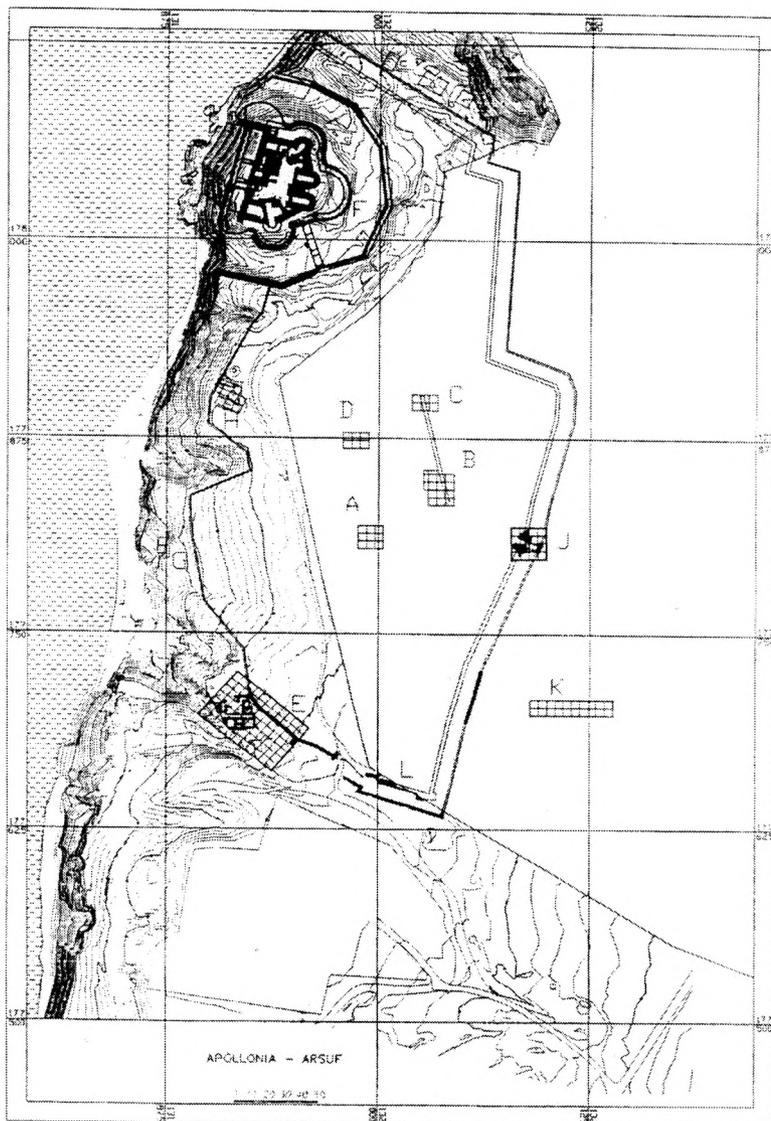
Michaud, J-F., *História das Cruzadas* (São Paulo, Editora das Américas. V. V, VI e VII S/d).

Mora-Figueroa, L., *Glosario de Arquitectura Defensiva Medieval* (Espanha, Universidade de Cadiz 2001).

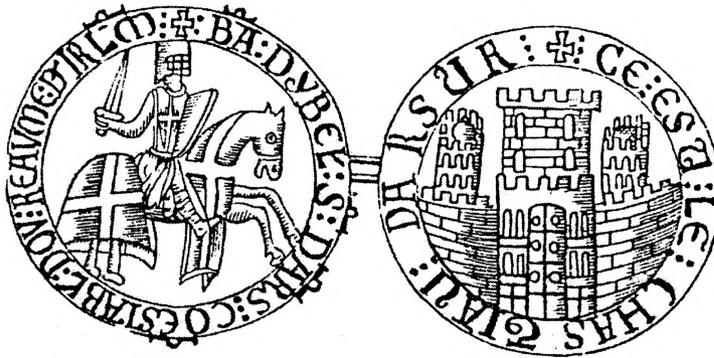
Oman, C., *A History of The Art of War in the Middle Ages*, in Two Volumes: I (A.D. 378-1278) and II (A.D. 1278-1485). 2. ed. revised and enlarged. (New York, Ed. Burt Frankling 1969).

- Prawer, *The Latin Kingdom of Jerusalem: European Colonialism in the Middle Ages* (London, Weidenfeld and Nicolson 1972).
- Pringle, D., *Secular Buildings in the Crusader Kingdom of Jerusalem* (London, Cambridge University Press 1997).
- Ramos, L. G-G., *Papado, Cruzadas Y Ordenes Militares: Siglos XI-XIII* (Madrid, Ed. Cátedra 1995).
- Renfrew, A., and Bahn, P., *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. Second revised edition (London, Thames and Hudson 1996).
- Roll, L, Ayalon, E., 'The market street at Apollonia-Arsuf, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 267 (1987).
- Idem, 'Apollonia-Arsuf, in Stern, E. (Ed.), *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. v. I-IV (Jerusalem, The Israel Exploration Society & Carta 1993).
- Roll, L, 'Apollonia', in Freedman D. N. (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary I* (New York, Anchor 1992).
- Idem, 'Tel Arshaf (Apollonia) - 1991/1992', *Excavations and Surveys in Israel* (Jerusalem, n. 14, 1995).
- Idem, 'Medieval Apollonia-Arsuf: a fortified coastal town in the Levant of the Early Muslim and Crusader periods', in Balard, M. (Ed.), *Autour de la premiere Croisade. Actes du Colloque de la Society for the Study of the Crusades and the Latin East* (Clermont-Ferrand, 22-25 juin 1995) (Paris, Publications de la Sorbonne 1996).
- Roll, L, Tal, O., 'Apollonia-Arsuf, *Final Report of the Excavations. Jerusalem: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology*. v. I: *The Persian and Hellenistic Periods* (with Appendices on the Chalcolithic and Iron Age II Remains), 1999.
- Rousset, P., *Historia das Cruzadas* (Rio de Janeiro, Zahar 1984).
- Runciman, S., *Historia das Cruzadas*, v. I-III (Lisboa, Livros Horizontes 1992).

546



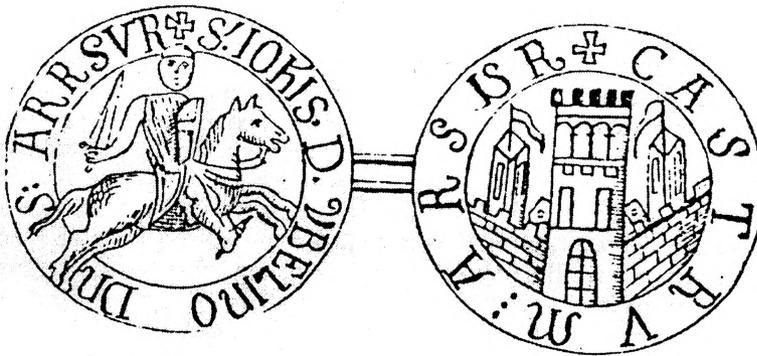
Sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf  
Áreas de intervenção



Selo de Balian d'Ibelin, senhor de Arsur, que governou de 1258 a 1261.

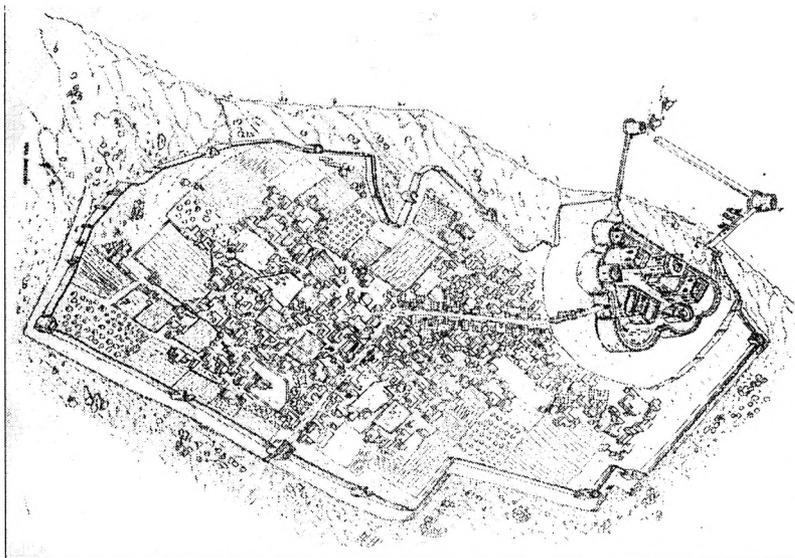
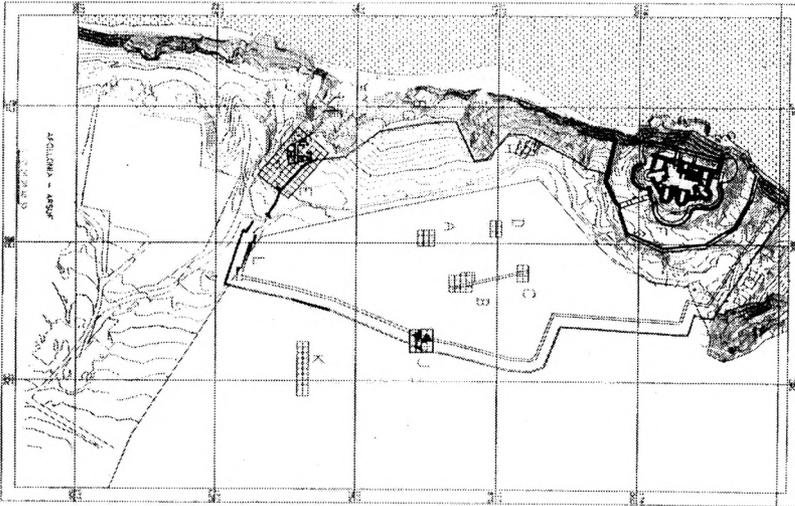
Fonte: Roll and Ayalon, in Stern (ed.) 1993:1, 74.

547



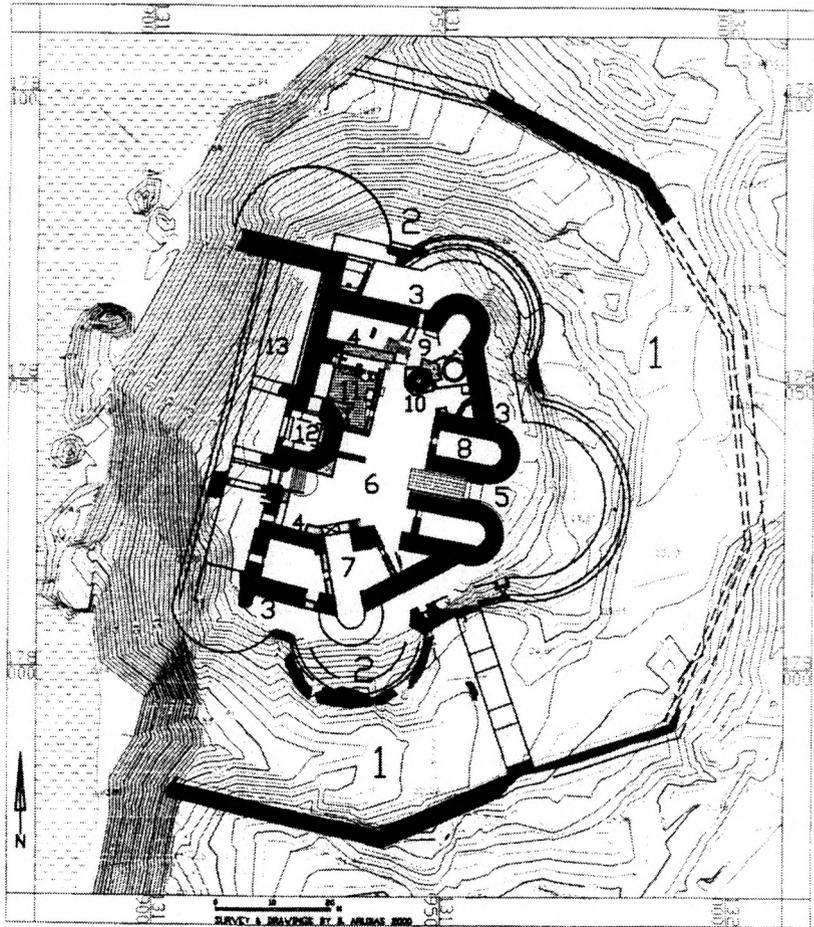
Selo de Johannes IV d'Ibelin de Arsur. Imitação do selo original, com a inscrição em latim ao invés de francês medieval. Fonte: Roll and Ayalon 1989:113.





549

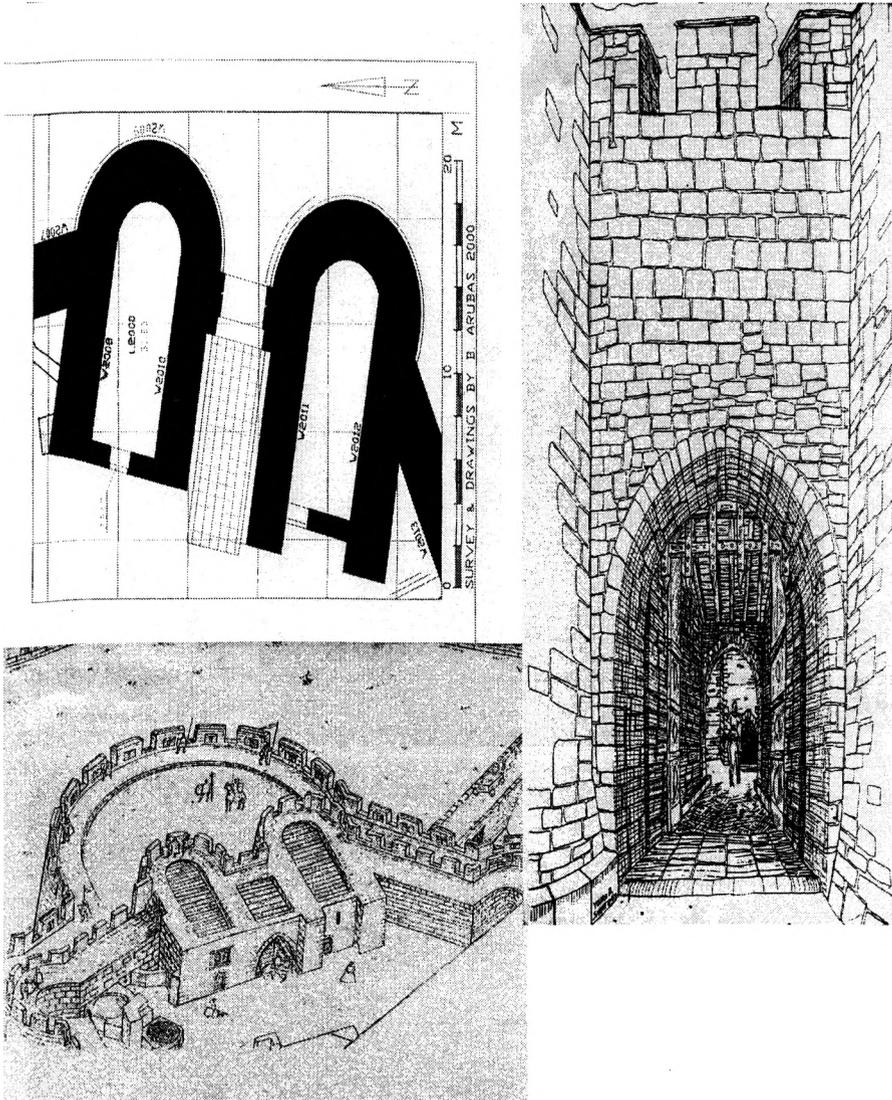
Comparação entre a planta baixa da área ocupada pelo sítio arqueológico de Apollonia Arsuf, de Arubas (2000) e a reprodução gráfica da cidade medieval de Arsuf, nos meados do século XIII, de Smertenko (2001). Na planta baixa observa-se claramente o traçado da muralha da cidade, seu portão e a fortaleza de Arsuf junto ao mar. Factor de relevância no desenho da cidade, está na reprodução gráfica de seu porto fortificado, com torres de vigia, moles e quebra-mar, tornando-o bastante seguro.



550

The Crusader Castle of  
APOLLONIA-ARSUF

1- Fosso; 2- Muralha Externa; 3-Muralha Interna; 4-Torres laterais Oeste, na localizada ao Norte, encontra-se o refeitório; 5-Entrada Fortificada; 6- Pátio Interno; 7- Estrutura Sul, anexa a torre interna; 8-Capela; 9- Moinho; 10- Forno do Pátio; 11- Cozinha; 12-Torre de Menagem; 13- Ala Oeste, muito deteriorada, suas estruturas encontram-se 30m abaixo, junto a praia.



Comparação entre a planta baixa da entrada fortificada do castelo de Arsur, desenhada por Arubas, em 2000 e o alçado da mesma, desenhada por Smertenko, em 2001. A planta baixa evidencia as duas torres que ladeavam e protegiam a entrada. Na reprodução gráfica percebe-se a entrada em cotovelo do castelo. A direita, vista exterior da entrada, com seus dois portões.

552



À esquerda:  
Ancoradouros da  
cidade de Arsur, feitos  
nos recifes.  
A norte e assinalado,  
porto cruzado. A sul, o  
porto romano.  
Roll & Tal, 1999:4

Abaixo:  
Vestígios arqueológicos  
do porto cruzado de  
Arsur.  
Foto do pesquisador.

